



## RELAÇÕES RACIAIS NO LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DO PARANÁ

Tânia Mara Pacifico

UFPR

taniapacifico@hotmail.com

Neste artigo foi analisado o Livro Didático Público de Português e Literatura e de Filosofia – constituído por artigos denominados – Folhas, que foi uma Política Pública do Estado do Paraná. Para tanto foi utilizado o conceito de ideologia e da metodologia da Hermenêutica da Profundidade (HP) desenvolvida por Thompson (1995). Para análise de conteúdo foi utilizada a metodologia de Bardin (1979). Foi analisado em que medida o Livro Didático Público – Folhas contempla as definições legais da Lei 10.639/03, Parecer 03/2004 e Resolução 01/2004 do CNE e a discussão sobre as estratégias ideológicas captadas nas políticas públicas e nos livros. Foi verificado quais estratégias ideológicas observa-se nos processos de produção e nos textos do Livro Didático Público Folhas.

As reivindicações e demandas dos movimentos negros e de acadêmicos (as) tiveram efeito na legislação com a aprovação em 2003 da Lei 10.639/03, que modificou o art. 26 da LDB determinando o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino público e privado, no ensino fundamental e médio.

Na Secretaria do Estado do Paraná (SEED), teve início uma política de formação continuada, na qual professores (as)<sup>1</sup> seriam incentivados a exercer a produção científica como formação. Foram elaborados artigos científicos, denominados Folhas, que tinham como princípio um problema de pesquisa e eram destinados a alunos do Ensino Médio, ou seja, com o propósito de despertar o conhecimento através de uma pergunta que despertasse o interesse dos alunos. Algumas dessas produções foram selecionadas para compor livros didáticos. Em 2006, foi lançado e distribuído gratuitamente, para todos os (as) alunos (as) do Ensino Médio do Paraná, o livro

---

<sup>1</sup> Como forma de aliviar o texto passaremos a utilizar o genérico masculino, lançando mão por vezes do formato as(os) ou os(as) em partes onde julgamos mais relevante afirmar a participação de ambos os sexos.



didático público, em todas as disciplinas que compõem a matriz curricular da Educação Básica nas escolas públicas do Estado do Paraná, que são: Arte, Biologia, Educação Física, Física, Filosofia, História, Língua Portuguesa e Literatura, Língua Estrangeira Moderna – Inglês e Espanhol, Matemática, Química e Sociologia.

Esta pesquisa tem como propósito verificar: a) Em que medida o Livro didático público – Folhas contempla as definições legais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (doravante LDB), artigo 26A (modificado pelas Lei 10.639/03 e 11.645/06), da Resolução 01/2004 e Parecer 03/2004 do CNE? b) Quais estratégias ideológicas de hierarquização entre brancos e negros observamos nos processos de produção e nos textos do “Livro didático público (Folhas)”?

Esse estudo está articulado com as pesquisas realizadas no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFPR) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPR) sobre desigualdades raciais em discursos dirigidos à infância (SILVA, 2008; NASCIMENTO, 2009; VENÂNCIO, 2009; ARAÚJO, 2010).

A pesquisa fundamenta-se na revisão e análise da literatura específica sobre relações raciais em livros didáticos no Brasil. Portanto têm como base estudos brasileiros sobre relações raciais e utiliza o termo raça como desvinculado de sentido biológico, mas no sentido sociológico, resultado das complexas relações sociais estabelecidas entre brancos e negros no Brasil.

Será utilizado o referencial da Hermenêutica da Profundidade/HP, proposto por Thompson (1995), para elaboração e análise dessa dissertação:

A hermenêutica em profundidade, nesse sentido, é um referencial metodológico que compreende, inicialmente, três fases de procedimentos. A primeira fase, que pode ser descrita como “análise sócio histórica”, está interessada nas condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. (...) A segunda fase do referencial da hermenêutica da profundidade pode ser descrito como a “análise formal ou discursiva”(…) A terceira e última fase do referencial da hermenêutica da profundidade é o que mais apropriadamente pode ser chamado de “interpretação (ou “reinterpretação”). Esta fase interessa-se pela



explicitação criativa do que é dito ou representado pela forma simbólica. (Thompson, 1995, p.88).

Para Thompson (1995) os meios de comunicação de massa, inseridos em determinado contexto histórico, servem como formas simbólicas a serviço do poder, podendo estabelecer relações de dominação. Thompson (1995) destaca o papel que o sentido das formas simbólicas exerce, ideologicamente, para estabelecer e sustentar relações de dominação, em determinado contexto histórico. Define formas simbólicas como “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos (THOMPSON, 1995, p.79). E define ideologia como:

A análise da ideologia, de acordo com a concepção que irei propor, está primeiramente interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. Deixem-me definir este enfoque mais detalhadamente: estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para sustentar relações de dominação. Desde que: é crucial acentuar que fenômenos simbólicos, ou certos fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação (THOMPSON, 1996, p.76).

## ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE PORTUGUÊS E LITERATURA

O livro de Língua Portuguesa e Literatura, tem início com o Rap da Língua Portuguesa, escrito pelos autores do livro; está organizado seguindo um único conteúdo estruturante – O discurso como prática social: oralidade, leitura, escrita, literatura. Contém 16 capítulos, totalizando 208 páginas, tamanho A4. Tem como consultores dois



professores da UFPR (Universidade Federal do Paraná), e como leitora crítica uma professora da UEL (Universidade Estadual de Londrina). O projeto gráfico da capa foi realizado pela agência Ícone Audiovisual Ltda. A capa é plastificada com ilustração. A cor é verde água e as ilustrações são desenhadas e coloridas; internamente as ilustrações também são coloridas com desenhos e imagens retiradas da internet. É um livro não consumível e foi publicado pela editora do Estado do Paraná. O livro didático público de Língua Portuguesa e Literatura, encontra-se em formato eletrônico no site [diaadiaeducacao](http://diaadiaeducacao) e pode ser acessado e impresso.

O capítulo que foi realizado a análise qualitativa foi o capítulo número três, porque aborda a temática étnico-racial.

A autora do capítulo número três (Língua Portuguesa e Literatura), professora, do Colégio Estadual Helena Kolody, da cidade de Colombo, que está situada na região metropolitana de Curitiba, o intitulou de “Discursos da Negritude”. Para um estudioso de Educação para as Relações Étnico – raciais, o termo negritude remete a um movimento político e literário desenvolvido por pesquisadores e políticos com objetivo de enaltecer o Continente Africano e mostrar para o mundo a contribuição deste continente em vários aspectos. Munanga (2009) destaca os principais nomes da negritude, que segundo ele podem ser considerados os fundadores deste movimento. São eles: Aimé Cesaire, Leon Damas (guianense), Léopold Sedar Senghor (senegalês), Leonard Sainville, Aristide Maugée, Birago Diop, Ousmane Soce e irmãos Achile. Estes autores escreveram obras da literatura negra de expressão francesa. Munanga (2009, p. 52):

Poetas, romancistas, etnólogos, filósofos, historiadores, etc. quiseram restituir à África o orgulho de seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado a sua personalidade. Tem-se a tendência, sob várias formas, de fazer equivaler os valores das civilizações africana e ocidental. É a esse objetivo fundamental que correspondem as diversas definições do conceito negritude (MUNANGA, 2009, p.52).

Na página ao lado (tendo como ilustração o quadro de Jacob Lawrence) abaixo do título – Discurso da Negritude apresenta três textos sobre escravidão (termo por ela



adotado, ao longo de todo o capítulo) e lança a pergunta: A que tipo de escravidão referem-se esses textos? O primeiro texto anuncia a pretensão de alugar um preto ou uma preta para cozinha e arrumar casa de família; o segundo anuncia a venda de uma preta; o terceiro, um morador de Paranaguá (cidade portuária do Estado do Paraná) anuncia a fuga de um escravo e o quarto solicita um motorista particular com 2º grau, inglês, espanhol e domínio de internet e com boa aparência. Por essa abertura é possível fazer uma idéia nada otimista do desenvolvimento do capítulo, pois a autora não faz nenhuma reflexão sobre a crueldade vivida no período da escravização. O uso do quadro de Jacob Lawrence, com crianças cabisbaixas e subservientes, causa constrangimento em adultos e pode gerar constrangimento e sentimento de menos valia em adolescentes, independente do pertencimento étnico-racial, mas nos alunos (as) negros (as) pode causar ainda a rejeição de pertencimento étnico-racial, que os liga a seus ancestrais africanos.

A autora promoveu através dos textos selecionados para composição do Capítulo 3, reflexões que reforçam a sexualidade da mulher negra brasileira, no sentido negativo e utilizou o termo negritude de forma equivocada. Foram usados fragmentos de Gilberto Freyre, o poema – Essa Negã Fulô, do autor Jorge de Lima, o poema – Negra, do autor Lêdo Ivo e o texto – A última crônica, do autor Fernando Sabino. Através do Poema Essa Negã Fulô, a professora da rede estadual tem como objetivo explicitar como se constrói um poema e um texto poético. Disponível em: [www.antoniomiranda.com.br/.../brasil/jorge\\_de\\_lima.html](http://www.antoniomiranda.com.br/.../brasil/jorge_de_lima.html).

Após a explicação do conteúdo, argumenta fazendo uso do termo “escravidão” e não escravização como recomendado por pesquisadores de relações étnico-raciais, para dar idéia de um período e não de um estado do povo negro; que não é tema exclusivamente do discurso poético (Bueno, 2006) e faz uma discussão simplista sobre mestiçagem utilizando-se do autor Lezama Lima, escritor cubano. Relata também a contribuição dos diversos povos, para a formação da identidade cultural brasileira, ressaltando a importância da mestiçagem destaca que - “na religião: santos do devocionário católico que são a máscara de deuses surgidos da África (Bueno, 2006, p.47). A autora não cita a fonte dessa afirmação e adentra numa temática polêmica que é



o sincretismo religioso, envolvendo a igreja Católica e as religiões de Matriz Africana; sem propriedade e aprofundamento teórico.

Para falar sobre o índio e o negro, utiliza-se da expressão “antropofagia” e “canibalismo”, enfatizando que o índio ingeria carne humana de guerreiros em rituais. Ferindo a Lei 10.639/03 que determina o enaltecimento da contribuição do povo negro e para a constituição da população brasileira. No ano de 2008 a Lei 10639/03 foi modificada pela Lei 11645, que incluiu a cultura indígena.

Posteriormente para ilustrar a contribuição da mulher negra, na educação do menino branco, filho do senhor do engenho, utiliza-se de um fragmento do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, do Livro Casa Grande e Senzala, que merece ser reproduzido:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi nosso primeiro companheiro de brinquedo. Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas (FREYRE, 1978).

Ao fazer uso desse fragmento a autora (2006, p.48) destaca os atributos sexuais da mulher negra e do seu papel na iniciação sexual do menino branco, filho de proprietário de escravizados. Reduzindo a mulher negra à ama de leite, com sexualidade exacerbada, com função de satisfazer sexualmente o desejo de seu proprietário e de seus descendentes. Nenhuma consideração foi feita a respeito do abuso sexual cometido pelo seu dono e dos traumas que a mulher negra sofre nesse período de escravização; naturalizando essa situação sem uma contextualização histórica. Utilizou-se também de uma ilustração, que traz um texto explicativo, retirada do site:



[http://www.clioistoria.hpg.ig.com.br/bco\\_imagens/escravos/escravos.htm](http://www.clioistoria.hpg.ig.com.br/bco_imagens/escravos/escravos.htm); a autora não faz menção ao texto explicativo, que contextualiza a foto, o que compromete a função ilustrativa da foto; chegando até a chocar, pois ao levantar a hipótese daquela criança ter sido iniciada sexualmente pela ama de leite, pode causar constrangimentos em quem vê e associa o fragmento de FREYRE (1978) a ilustração. A gravidade do conjunto torna-se maior para adolescentes negras que estão formando sua identidade e por vezes iniciando sua vida sexual.

Na atividade apresentada após o texto, aborda a negritude, usando o termo de forma equivocada, e solicita aos alunos uma comparação, destacando semelhanças e diferenças entre o posicionamento de Jorge de Lima e o fragmento de Gilberto Freyre. No texto seguinte faz a seguinte colocação Bueno (2006, p.49):

O pendor sexual a que se refere Gilberto Freyre, e que, no poema Negra Fulô, aparece na opção feita pelo Sinhô ao trocar a Sinhá pela Fulô, também se faz presente no poema Negra, do poeta brasileiro Lêdo Ivo. A leitura desse poema ajuda a ampliar nosso tecido sobre a negritude (BUENO, 2006, p.49).

Durante o decorrer do capítulo, ressalta a sexualidade da mulher negra. Algumas autoras dentre elas Evaristo (2006) e Nascimento (2009) entre outras escreveram sobre essa temática polêmica, produzindo poemas, literatura, contos e também são desenvolvidas pesquisas com o intuito de desconstruir esse estereótipo. Bueno (2006) atua no sentido contrário, pois não produz reflexões a respeito da erotização da mulher negra, para reverter essa visão difundida por uma parcela da população e reforçada por alguns meios midiáticos, entre eles revistas e emissoras de televisão. A extensão dessa visão para literatura acaba reforçando essa idéia. Evaristo (2006) afirma que:

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como



Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e de Maria e que corpo da mulher *se salva* pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido (EVARISTO, 2006, p.01).

Corroborando com está a afirmação, acredito que o ambiente escolar é um dos responsáveis pela destruição dessa imagem negativa da mulher negra, ao se posicionar a favor de uma educação anti-racista e no caso do livro analisado ocorre o inverso, causando na pesquisadora (negra) um desconforto e incredulidade. Afinal este livro foi financiado por uma política pública paranaense e subsidiado teoricamente, no caso específico, por um doutor da UFPR. Nesta produção se o objetivo fosse ressaltar a beleza negra e destacar a mulher negra, a sugestão, seria utilizar também, contos, poesias e outras produções literárias realizadas por mulheres negras e não negras, e homens negros e não negros que tratassem a mulher negra com o devido respeito e consideração:

Retomando a reflexão sobre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida* (EVARISTO, 2006, p.5)

Na busca pela mudança de imagem da mulher negra e para mostrar sua resistência e luta pela sobrevivência, digna e com direito a escolhas o poeta, Oliveira Silveira, escreveu um poema se contrapondo ao poema de Jorge de Lima intitulado – Outra Nega Fulô. Neste caso sendo a intenção de levar os (as) da escola pública e qualquer leitor do livro didático público de Português, seria mais adequado usá-lo do que o de Lêdo Ivo que reforça a visão negativa da mulher negra. Disponível em: <http://cadaminuto.com.br/noticia/2010/02/22/outra-nega-fulo>



Neste poema de Oliveira Silveira, escrito em 1979, responde ao poema *Essa Negra Fulô*, escrito por Jorge de Lima, mostrando que ela tem vontade própria e que não aceitou passivamente aos abusos sexuais do senhor, resistindo, chegando até a matá-lo e escolhendo com quem queria se relacionar. Nascimento (2009) destaca a importância da produção literária afro-brasileira para a formação da identidade negra de forma coerente:

Diante das novas figuras construídas para constatar aquelas estabelecidas por Jorge de Lima, percebe-se que Oliveira Silveira, reescreve o poema para criticar a lógica constituída pelo cânone e, a partir daí, dar uma versão histórica guiada pelos olhos de quem a experimentou pelo avesso. Analisar a poética produzida por escritores que partem do entendimento de sua ancestralidade e negritude significa dar voz para a expressão da singularidade de todo um grupo subjugado. Enquanto sujeito de sua escritura, estes se utilizam de seu contra-discurso para inverter os valores e estigmas construídos acerca de sua imagem, corroborando com um processo de construção e afirmação de sua identidade calcada em um histórico de resistência e fruto de uma herança simbólica africana (NASCIMENTO, 2009, p.06).

Evaristo (2006) discute que a mulher negra na literatura, por vezes tem suas características associadas a sexualidade, permissividade e vulgaridade e na maioria das vezes negam a ela sua função de mãe e provedora de lar; função que muitas vezes ela exerce sozinha, que exige cuidar dos filhos, da limpeza da casa e prover alimentação e todo o tipo de sustento.

Dando continuidade ao capítulo Bueno (2006, p.50) propõe uma nova atividade, com as seguintes questões:

O poema de Lêdo Ivo toca as margens do erotismo em relação a mulher negra. Identifique, no poema de Jorge de Lima, trechos que erotizam a mulher negra.

É possível identificar a mesma erotização em Gilberto Freyre. Identifique os trechos e analise quais recursos discursivos ele utiliza. Por que ele não quanto Lêdo Ivo?

Nas atividades propostas as reflexões não avançam e só reforçam e afirmam a sexualidade da mulher negra de forma nada educativa e sim pejorativa.

Posteriormente adota o texto “A última crônica” do autor Fernando Sabino, que discorre sobre uma comemoração realizada por uma família negra, num botequim do



Rio de Janeiro. Trata-se do aniversário de uma criança, que está acompanhada pelo pai e pela mãe; o pai compra um pedaço de bolo só pra menina e a mãe retira três velinhas brancas e juntos cantam parabéns. Como leitora adulta e negra, consigo ver uma beleza poética no texto, mas ao me colocar no lugar de alunas e alunos do Ensino Médio, principalmente dos alunos e alunas, negros e negras consigo ver, a miséria, a pobreza e a falta de recursos atribuídos por vezes as famílias negras.

Para finalizar o capítulo a autora discorre sobre a importância do movimento negro e fala sobre políticas afirmativas, usando o conceito sem lançar mão de nenhum teórico para subsidiá-la e faz uso de um fragmento de um membro do Conselho Estadual do Rio de Janeiro – Magno de Aguiar Maranhão, que é contrário as cotas e se utiliza do argumento simplista de melhoria do ensino para todos. Não recorre a nenhum pesquisador ou político do Paraná, favorável as cotas, para promover um debate entre os alunos, para que os mesmos possam se posicionar contra ou a favor. Mas utiliza um gráfico do censo de 2000 do IBGE e escreve um Box intitulado-o de a cara da discriminação, mostrando que o acesso aos alunos (as) negros (as) se configura de forma mais difícil do que para alunos (as) brancos (as). Na atividade propõe que os alunos (as) pesquisem as contribuições dos afrodescendentes para língua brasileira, sem antes ter feito qualquer menção a esta contribuição. Após essa atividade indica leituras sobre o assunto:

Se você quiser saber mais sobre o assunto, leia, por exemplo, os seguintes textos da literatura brasileira e ocidental:

“A escrava Isaura” – Bernardo Guimarães.

“A Cabana do pai Tomaz” – Harriet Elizabeth Stowe.

“Coração das Trevas” – Joseph Conrad.

“A canção de Salomão” e “O olho mais azul” – Toni Morrison

“As vinhas da Ira” – John Steinbeck. Essas são apenas algumas indicações de leitura. Há muito mais obras interessantes para ler sobre nosso tema (BUENO, 2006, p.53).

Ao indicar a leitura da obra – A escrava Isaura de Bernardo Guimarães propõe a leitura de um livro que fala sobre a escravização e destaca o embranquecimento como positivo e a subserviência da escravizada de tez clara, que deve agradecer aos seus



donos pela educação refinada que recebeu. Nesta obra além de valorizar o branqueamento, o (a) negro (a) é induzido a saber qual é o seu lugar social, ou seja, mesmo com educação refinada deve agradecer e se comportar sabendo da sua condição de escravizado ou ex-escravizado. Sem debate e discussão sobre os assuntos abordados, o livro, apesar de ser uma obra literária reconhecida, que inclusive foi transformada em novela, enfatiza e torna natural características que não favorecem a população negra. Sobre a mesma ótica está a obra - A cabana do pai Tomaz – de Harriet Elizabeth Stowe, da literatura afro-americana, que destaca o negro bom e submisso; esta obra também foi transformada em novela, no Brasil; tendo como ator um branco pintado de negro. Ao indicar como leitura a autora afro-americana Toni Morrison, a autora poderia alcançar o objetivo de destacar uma autora norte americana de literatura afro-americana, que escreve romances de altíssima qualidade; tendo inclusive recebido o Prêmio de Nobel de Literatura no ano de 1993. O livro mais conhecido no Brasil – O olho mais azul- fala sobre uma menina que queria ter olhos azuis e para tanto usada de vários artifícios e mostra os maus tratos vividos por Pecola Breedlove ao longo de sua vida; sempre almejando ter o olho azul como Shirley Temple, ícone infantil do cinema norte-americano. Segue uma passagem inspirada em diversas comunidades afro-americanas, contida no Livro – O olho mais azul – Morrison (2003, p.21):

Há uma diferença entre ser posto pra fora e ser posto na rua. Se a pessoa é posta pra fora, vai para outro lugar; se fica na rua, não tem para onde ir. A distinção é sutil, mas definitiva. Estar na rua era o fim de alguma coisa, um fato físico, irrevogável, definindo e complementando nossa condição metafísica. Sendo uma minoria, tanto em casta quanto em classe, nos movíamos nas bainhas da vida, lutando para consolidar nossa fraqueza e nos agüentar, ou para rastejar, cada um por si, até as dobras maiores do vestuário. Nossa existência periférica, porém, era coisa com que tínhamos aprendido a lidar- provavelmente porque era abstrata. Mas estar na rua era outra história, era fato concreto, como a diferença entre o conceito de morte e estar morto. Um morto não muda, e estar na rua é estar para ficar (MORRISON, 2003, p, 21).

Diante dessas considerações sobre o termo negritude e após análise criteriosa da organização do capítulo três, conclui-se que a autora usou o termo de forma incoerente e



porque não dizer, prejudicial a formação intelectual, emocional e social de alunos (as) negros (as) e não negros (as).

#### ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE FILOSOFIA

O livro de Filosofia, está organizado em 6 (seis) capítulos, tendo como partindo de um conteúdo estruturante, tamanho A4. A capa é plastificada com ilustração de filósofos e com platéia composta por adultos e adolescentes, simulando uma conferência ou palestra. A cor é verde água e as ilustrações são desenhadas e coloridas; internamente as ilustrações também são coloridas com desenhos e imagens retiradas da internet. É composto por 336 páginas, o livro é não consumível e foi publicado pela editora do Estado do Paraná. A folha não é de papel reciclado é de papel branco; retangular, tamanho médio. O livro didático público de Filosofia, encontra-se em formato eletrônico no site [diaadiaeducacao](http://diaadiaeducacao) e pode ser acessado e impresso

No livro de Filosofia após uma análise geral, nota-se uma completa ausência no que se refere a Filosofia Africana. No decorrer dos capítulos, aparecem imagens de líderes negros, quando o autor está relacionando a imagem a algum conteúdo; usando para isso um texto pequeno e superficial, sem explicar a importância e o que significou para a história da humanidade a luta desse líder. No capítulo 7 (sete) escrito por um professor do Colégio Estadual Ary João Dresch, localizado na cidade de Nova Londrina, interior do Estado do Paraná intitulado – A virtude em Aristóteles e Sêneca, no item Felicidade e Virtude, o professor faz uso das imagens de: Martin Luther King, Che Guevara, Nelson Mandela e Chico Mendes. Martin Luther King (pastor norte- americano) e Nelson Mandela (líder político – que lutou contra o Apartheid na África do Sul) são líderes que ocuparam no cenário político mundial, um grande destaque na luta contra o racismo. Mas no livro são citados como pessoas de bem que acabam mal; para ilustrar um conteúdo que o Filósofo Sêneca abordou, ao relacionar o homem a natureza;



sugerindo que o desgosto pelo gênero humano, deve ser superado para que o espírito não mergulhe em noite escura. Leal (2006, p.111):

Alguns exemplos da contemporaneidade, do sentimento de que nos fala Sêneca em relação às pessoas de bem que acabam mal: Marthin Luther King, militante negro assassinado; Che Guevara, guerrilheiro argentino, também assassinado; Nelson Mandela, líder negro na luta contra o Apartheid na África do sul e que, em função disso, ficou vários anos preso; Francisco Mendes Filho, Chico Mendes, líder seringueiro, sindicalista e ativista ambiental, assassinado, no Acre, no dia 22 de dezembro de 1988 (LEAL, 2006, p.111).

O uso desses líderes que representam, cada um sua especificidade, a luta pela justiça e liberdade deveria ser explicitado e explorado com mais detalhes, para fundamentar os alunos (as) e ressaltar a importância deles, pelo menos situando através de um breve histórico a luta de cada um.

Com relação a Filosofia Africana, nenhum filósofo é citado ao longo de todo o livro. No capítulo 4 (quatro) intitulado – O problema do Conhecimento escrito por um professor do Colégio Estadual do Paraná, localizado em Curitiba, no item Filosofia e Matemática, o professor afirma que alguns historiadores consideram a África como o berço da Matemática e não a Grécia, mas se limita a isso sem trazer esses autores e nem se aprofundar e fundamentar sua afirmação; perdendo a oportunidade de reconhecer que a África tem e fez história e produziu conhecimento. Ao não reconhecer essa origem de forma adequada, o professor, lesa os pensadores, estudiosos de origem africana da capacidade de produzir conhecimento, pois não dispensa a credibilidade devida. Borges (2006, p.69):

Entre os gregos, a filosofia começa com uma tomada de consciência sobre os limites da experiência na obtenção do conhecimento. Essa também é a preocupação que dá corpo ao desenvolvimento da matemática grega. Em outras culturas o processo de construção do conhecimento matemático deu-se de maneira diferente. Sabemos hoje que entre os babilônios e egípcios, por volta de 3.500 a.C. já existia um primitivo sistema de escrita numérica. Alguns historiadores consideram, inclusive, a África e não a Grécia o berço da matemática, devido ao material encontrado que sugere que há mais de dezenove mil anos já se pensava matematicamente (BORGES, 2006, p.69).



Em contraposição a essa afirmação do autor, Moore (2007) ao entrevistar Cheikh Anta Diop (importante pensador africano) questiona a importância das produções científicas originadas no Egito, país Africano, que produziu imensas e complexas obras arquitetônicas, num período histórico antigo e que para tanto noções e aprofundamentos em matemática se fizeram necessários; Cheik Anta Diop declara: “ O Egito antigo esteve na origem de um sistema filosófico elaborado e não de uma mera cosmogonia, como muitos ainda sustentam (MOORE, 2007, p.308)”. Em consonância com esse pensamento está também N’kolo (2010) que ressaltou em suas aulas de filosofia a retomada da civilização egípcia como berço do conhecimento e o reconhecimento de sua localização geográfica. Cheikh Anta Diop em entrevista a Moore (2007, p.309 :

Nossos trabalhos concordam que o Egito Antigo foi o berço científico de onde emergiram, muito tempo depois, as contribuições científicas dos gregos. Não há dúvida sobre isto. De fato, nós sabemos de muitos casos em que eruditos gregos atualmente inventam viagens fictícias para o Egito com a finalidade de obter legitimidade científica, tanto quanto, seguindo o mesmo caminho, fazem alguns irmãos em relação à Europa (MOORE, 2007, p.309).

Na análise do Livro Didático Público de Português e Literatura e do Livro de Filosofia foi possível verificar algumas estratégias ideológicas entre elas *o silêncio e a naturalização*. No livro de Português e Literatura, no capítulo três, escrito por uma professora, verificou-se o uso inadequado do termo negritude, movimento político e literário, iniciado por pesquisadores africanos, principalmente os francófonos; que se espalhou pelo mundo, com objetivo de ressaltar a importância histórica do Continente Africano. Além deste equívoco o destaque dado a erotização da mulher negra, não é educativo e reforça o estereótipo de que a mulher negra tem atributos sexuais exagerados, sem valorizar a luta que a mulher negra vem travando deste de o período da escravização até os dias atuais. No livro de Filosofia, um dos autores cita o Continente Africano como berço do conhecimento matemático, mas não valida essa afirmação e reforça que foi na Grécia que o conhecimento matemático teve origem. Também se



verificou equívocos teóricos e posicionamentos contrários aos que determinam a lei e o parecer.

### **Referências:**

Brasil Lei n.º10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.

BUENO, Rosa Elena. **Discursos da Negritude**. In: Língua Portuguesa e Literatura/ vários autores – Curitiba: SEED-PR, 2006.

BORGES, Anderson de Paula. **O problema do conhecimento**. In: Filosofia/vários autores – Curitiba: SEED-PR, 2006.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: **uma escre(vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros & SCHNEIDER, Liane. Mulheres no mundo – etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Idéia/ Editora Universitária – UFPB, 2005. p. 201-212.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

LEAL, Djaci Pereira. **A virtude em Aristóteles e Sêneca**. In: Filosofia/vários autores- Curitiba: SEED-PR, 2006.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2007.

MORISSON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

16

NASCIMENTO, Tássia. **A outra negra Fulô**, de Oliveira Silveira , “Prá escândalo do bom Jorge de Lima. Disponível em [http : // WWW.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao](http://WWW.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao).

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.